



VOLÓCHINOV: CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DO SIGNO IDEOLÓGICO E A SUA APLICAÇÃO DIANTE DE UM SIGNO IMAGÉTICO CONTENDO O ENUNCIADO: “DOCTRINAÇÃO IDEOLÓGICA... DIGA NÃO”

BARBOZA, Reginaldo José¹

RESUMO (VOLÓCHINOV: CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DO SIGNO IDEOLÓGICO E A SUA APLICAÇÃO DIANTE DE UM SIGNO IMAGÉTICO CONTENDO O ENUNCIADO: “DOCTRINAÇÃO IDEOLÓGICA...DIGA NÃO”) – Pretende-se realizar nesse artigo uma abordagem conceitual sobre o signo ideológico e como este se relaciona nas consciências individuais: o signo ideológico faz parte da realidade onde se encontram as consciências individuais formadas por uma coletividade. Será analisado também os signos ideológicos e a utilização da “palavra” no contexto social e a relação desses com um signo imagético que afirma: “Doutrinação ideológica... diga não...”. Para finalizar, será analisado o problema da causalidade mecânica entre a infraestrutura e superestrutura, os ideais da “Escola sem partido” e a possibilidade de convivermos em uma realidade onde não haja conteúdos ideológicos implícitos nas interações sociais.

Palavras chave Doutrinação ideológica. Escola sem partido político. Psicologia social. Signo ideológico. Signo imagético.

ABSTRACT (VOLÓCHINOV: CONSIDERATIONS ABOUT THE IDEOLOGICAL SIGN AND ITS APPLICATION FACINH AN IMAGETIC SIGN CONTAINING THE STATEMENT: “IDEOLOGICAL DOCTRINE... SAY NO”) – This article addresses the use of assistive technology through musicalization for the hearing impaired. The study of the theme was developed based on a bibliographic research, having as reference authors who approach this theme. There was also a historical review of the official documents dealing with special education, focused mainly on school inclusion. From the theoretical knowledge studied percussion musical instruments were constructed using recyclable materials to be used in musicality activities with deaf students.

Keywords: Ideological indoctrination. School without political party. Social Psychology. Ideological sign. Imagetic sign.

¹ Docente dos cursos de Pedagogia e Psicologia da Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral – FAEF/ACEG – Garça – São Paulo – Brasil, e-mail: reginaldoj3@hotmail.com.

1. INTRODUÇÃO

A partir desse artigo pretendemos abordar algumas noções conceituais como signo ideológico, psicologia social, o problema da causalidade mecânica entre a infraestrutura e superestrutura descritas por Volóchinov. O objetivo principal é relacionar posteriormente, sobretudo, o conceito de signo ideológico a um signo imagético (de um lápis e uma caneta associado à uma foice e ao martelo – fazendo alusão a foice e o martelo do símbolo comunista da ex. URSS), em que se encontra o signo verbal: “*Doutrinação ideológica.... diga não...*” (DAUCHAS, 2015).

Como se sabe, o signo ideológico faz parte da realidade onde se encontram as consciências individuais formadas por uma coletividade. Além disso, é fundamental considerar que os signos não somente refletem como também refratam o contexto da realidade posta em uma determinada esfera ideológica.

Assim sendo, a análise presente diz respeito também ao seguinte questionamento: até que ponto é possível conviver em sociedade sem que haja uma concepção ideológica implícita nas interações?

2. OS SIGNOS IDEOLÓGICOS E A UTILIZAÇÃO DA “PALAVRA” NO CONTEXTO SOCIAL

De acordo com Volóchinov (2017), em todo produto ideológico há uma significação. Nesse sentido, considera que esse produto, além da realidade natural e social da qual faz parte, pode ser considerado como um signo. Ou seja, esse produto possui uma significação pela qual ele substitui algo fora dele, por isso “Onde não há signo também não há ideologia” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 91).

Qualquer objeto existente na natureza pode se tornar, portanto, um signo e “ele irá adquirir uma significação que ultrapassa os limites da sua existência particular” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93) refletindo assim outra realidade, sendo esta passível de uma avaliação ideológica como sendo algo bom ou mau, justo ou injusto. Apesar de serem mencionadas aqui duas realidades envolvidas nesse contexto, isto é, uma como signo ideológico e a outra como o próprio produto, ambas se enquadram no contexto material e não há como distingui-las, como requer a metodologia dualista proposta pela Filosofia idealista transcendental.

Diante disso, podemos afirmar que nesse contexto material da realidade encontram-se as consciências individuais. E é aqui que os signos surgem, sendo que elas somente passarão a

existir, como conteúdo ideológico, quando de fato houver uma interação social, isto é, quando essas consciências estiveram presente em uma coletividade.

Deste modo, Volóchinov (2017) tece críticas ao positivismo psicológico afirmando que a consciência não deve ser tratada como uma mera atribuição de reações psicofisiológicas, pois, se assim fosse, estaríamos considerando que o produto ideológico presente na consciência ocorreria de maneira mágica sem a participação da coletividade social (ou sem a real existência entre os indivíduos). Portanto, nem o ideal de um transcendentalismo e nem as condições puramente psicofísicas dão conta de explicar a criação da ideologia: “o ideológico em si não pode ser explicado a partir de raízes animais, sejam elas pré ou supra-humanas.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 96).

Segundo o autor, o material sgnico deve ser considerado o lugar real da existência humana e isso se manifesta somente a partir das condições sociais entre indivíduos socialmente organizados. As ciências ideológicas, assim sendo, não comportaria outra explicação a não ser ao fato de que ela se configura de modo objetivamente sociológico: “A consciência individual é um fato social e ideológico.” (VOLÓCHINOV, 2017, 97).

A realidade do signo ideológico é criada pela comunicação (troca) social. A linguagem nos fornece o caráter sgnico da comunicação. Assim, por exemplo, é preciso considerar que a palavra exerce um papel fundamental nessa relação, tendo ela a função de mediação implícita quanto à criação do fenômeno ideológico e a própria comunicação (troca) social que se estabelece no meio onde os indivíduos estão inseridos. Contudo, devemos considerar também que a palavra em si é um signo neutro podendo ela “assumir qualquer função ideológica: científica, estética, moral, religiosa”. (VOLÓCHINOV, 2017, 99).

A palavra, por se encontrar no organismo individual, faz parte da vida interior (signo interior) ou da consciência, podendo existir sem necessariamente ser expressa no exterior, e isso é algo fundamental para ser discutido na filosofia da linguagem.

A respeito disso precisamos compreender que:

A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico. O processo de compreensão de qualquer fenômeno ideológico (de um quadro, música, rito, ato) não podem ser realizados sem a participação do discurso interior. Todas as manifestações da criação ideológica, isto é, todos os outros signos não verbais são envolvidos pelo universo verbal, emergem nele e não podem ser nem isolados nem separados dele por completo. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 100, 101).

Faz se necessário afirmar que não podemos dizer que a palavra deva substituir outros signos ideológicos como, por exemplo, no caso de uma imagem da pintura. A palavra se manifesta no ato de interpretação e é a base da ciência das ideologias.

2.1 O PROBLEMA DA CAUSALIDADE MECÂNICA ENTRE A INFRAESTRUTURA E SUPERESTRUTURA

Volóchinov (2017) faz menção ao referencial marxista e nega que as relações existentes entre a infraestrutura e a superestrutura devam ser explicadas mediante uma causalidade mecânica. As compreensões dessas relações devem ser consideradas a partir das especificidades e das influências envolvendo as diferentes esferas ideológicas, porque ambas refratam os fatos da infraestrutura.

Nesse sentido, as determinações da estrutura econômica não devem tão somente possuir as características de refletir, mas também de refratar-se no signo ideológico. É aqui que se estabelece o ponto de vista de Volóchinov (2017) quanto à dicotomia dessa relação entre a infraestrutura e superestrutura descrita na concepção marxista, que pretende confrontar o idealismo e o materialismo.

Em outras palavras, não se pode conceber que as ideias se sobreponham às atividades práticas de produção social e assim se configuraram como determinantes dos processos históricos, sociais e culturais. Pensar desta maneira seria aplicar um reducionismo dualista metodologicamente mecânico (causalidade mecanicista). A causalidade observada aqui não pode ser compreendida de maneira mecanicamente estabelecida como requerem os positivistas ou até mesmo, antes deles, no pensamento cartesiano dualista. A causalidade mecanicista não pode ser aplicada à ciência da ideologia. Consideramos que a superação para esse impasse seria conceber o processo do materialismo dialético, em que esses dois níveis (infraestrutura e superestrutura) se encontrem.

Se a causalidade for entendida mecanicamente tal como ela é compreendida e definida até os dias de hoje pelos representantes positivistas do pensamento científico natural, essa tese estaria completamente errada contradiria as próprias bases do materialismo dialético. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 103).

Contudo, há de se considerar que o problema entre a base (existência real) e a superestrutura é algo complexo do ponto de vista da expressão, ou ainda, da palavra *sígnica* inserida em uma esfera ideológica. Quanto a isso observamos que:

Pois, no plano que nos interessa, a essência desse problema se reduz a *como* a existência real (a base) determina o signo, e como o signo reflete e refrata a existência em formação”.

As particularidades da palavra enquanto signo ideológico, (...) fazem dela o material mais conveniente para a orientação principal de todo o problema. Nessa relação, o importante não é tanto a natureza *sígnica* da palavra, mas a sua *onipresença social*. Pois a palavra participa literalmente de toda interação e de todo entre as pessoas (...). (VOLÓCHINOV, 2017, 106).

Para esse pensador, a palavra exerce, portanto, um fundamental papel na criação do conteúdo ideológico e, diríamos, nas transformações sociais. Ela, de modo acumulativo, isto é, quantitativamente proporciona uma construção qualitativamente ideológica. Sob esse aspecto, envolvendo a palavra e o meio social onde ela está inserida, será analisado a seguir o papel da psicologia social.

2. 2 O PAPEL DA PSICOLOGIA SOCIAL E A SUA RELAÇÃO COM OS SIGNOS IDEOLÓGICOS

A psicologia social, entendida também como ideologia do cotidiano, nos permite compreender melhor a relação existente entre a infraestrutura e a superestrutura e como esta relação se associa às noções conceituais de reflexo (representação) e refração (transfiguração da realidade).

Conforme Volóchinov (2017), a psicologia social encontra-se no material da palavra, no ato, no gesto, enfim na exterioridade e não no interior ou nas almas dos indivíduos. Assim, podemos entender que tudo que é expresso pelo indivíduo não está guardado no seu interior, mas são frutos das relações sociais, das trocas, da comunicação discursiva ou nos discursos verbais ou em uma dada condição social concreta:

Antes de mais nada, a psicologia social é justamente aquele universo de *discursos verbais* multiformes que abarca todas as formas de todos os tipos de criação ideológica estável: as conversas dos bastidores, a troca de opiniões no teatro (...). Na maioria das vezes a psicologia social se realiza nas mais diversas formas de *enunciados* (...) *gêneros discursivos*. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 107).

Os enunciados, ou ainda, os signos ideológicos, por serem frutos de uma determinada situação concreta social, sofrem a ação do reflexo e da refração, gerando desta maneira possíveis conflitos de interesses sociais como, por exemplo, a lutas de classes.

A concepção de Volóchinov (2017) a respeito do conceito de ideologia está associada às representações verdadeiras do real, e nesse caso se difere, por um lado, da noção marxista. Por outro lado, a visão de Volóchinov se aproxima do pensamento marxista quando considera o produto ideológico como distorção, ilusão, deformação etc.

Assim, os conflitos existentes nessas classes antagônicas se estabelecem devido ao fato de os signos ideológicos estarem carregados de valores, sentimentos, desejos. A partir daí pode se compreender então que esses signos não somente refletem como também refratam o contexto da realidade posta em uma determinada esfera ideológica. Ou seja, historicamente e socialmente, existem diversos fatores que contribuem para o desenvolvimento diferenciados dos valores sîgnicos. Isso tem sua razão de ser já que os indivíduos se encontram em constante transformações diante das interações sociais.

3. SIGNO IDEOLÓGICO VERSUS “ESCOLA SEM PARTIDO”

O signo ideológico visual demonstrado na figura logo abaixo, encontrado em um site², nos serviu como meio para discutirmos os possíveis sentidos implícitos no ideal de que a escola é influenciada por uma doutrinação ideológica: nesse sentido, existem os defensores da *Escola sem partido*.



(DAUCHAS, 2015)

Como se pode observar, há nesse símbolo o seguinte enunciado: “*Doutrinação ideológica... diga não*”. Já o próprio signo imagético é composto por duas imagens: uma que representa parte de um lápis juntamente com um martelo e a outra por uma foice com parte de uma caneta. Esta representação se assemelha com o símbolo comunista da ex. União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Antes mesmo de tecer comentários sobre essa imagem é importante ressaltar a concepção de alguns idealistas que defendem a “Escola sem partido” ou que acreditam que haja determinantemente uma doutrinação ideológica nas escolas.

Conforme os princípios defendidos pelo advogado Nagib (LIBERDADE PARA ENSINAR, 2019), idealizador do *Programa escola sem partido*, as escolas servem como um ambiente favorável para os professores disseminarem as suas concepções políticas. Ele acredita que os professores estariam seriamente influenciando (tem se aqui uma enunciação pejorativa do verbo *influenciar* ou doutrinando os alunos sob a ótica de suas perspectivas ideológicas (no sentido de uma má ideologia, de uma má influência).

Corroborando o ideal de que é preciso existir uma escola sem partido, tem se do ponto de vista prático o Projeto de Lei (PL 867/2015) (BRASIL, 2015), proposto pelo deputado federal Izalci L. Ferreira, onde encontramos as seguintes proposições: “Art. 2º. A educação nacional atenderá aos seguintes princípios: I - neutralidade política, ideológica e religiosa do Estado; II - pluralismo de ideias no ambiente acadêmico;” (BRASIL, 2015, p1).

Por um lado, a apresentação descrita nesses incisos nos remete a uma contradição conceitual, já que no primeiro deles temos a afirmação de que a educação (ou o educador) deve se manter sob uma neutralidade política, ideológica etc. e que, ao mesmo tempo, conforme o

² Ver DAUCHAS, 2015. (DAUCHAS, Ivan. **Instituto Liberal**. (2015) Disponível em: www.institutoliberal.org.br/blog/diga-nao-a-doutrinacao-ideologica/. Acesso em 15 jan. 2019.).

segundo inciso, essa mesma educação (o educador) deve também permitir a pluralidade de ideias. Ora, como de fato isso seria possível: manter-se neutro e permitir a pluralidade de ideias? A pluralidade aqui não são de *ideias*? Logo, não seriam de trocas sociais, comunicação, concepções, pontos de vista, opiniões, decidir, escolher etc.?

Por outro lado, observa-se que há um certo romantismo positivista em pressupor que seria possível uma *neutralidade política*. No entanto, isso jamais faria sentido, já que, como afirma Volóchinov (2017), toda a realidade material ao qual os indivíduos estão inseridos está permeada por signos ideológicos construídos coletivamente.

Se de fato os indivíduos estão imersos em uma determinada sociedade e que, portanto, influenciam e são influenciados conforme essa perspectiva, não se pode conceber qualquer tipo de neutralidade entre as relações sociais. Ou seja, em Volóchinov (2017) claramente se percebe que os indivíduos fazem parte de um determinado contexto material da realidade onde há o encontro das consciências individuais. Assim sendo, não faz sentido a alegação de Ferreira quando este afirma que:

(...) a doutrinação política e ideológica em sala de aula compromete gravemente a liberdade política do estudante, na medida em que visa a induzi-lo a fazer determinadas escolhas políticas e ideológicas, que beneficiam, direta ou indiretamente as políticas, os movimentos, as organizações, os governos, os partidos e os candidatos que desfrutam da simpatia do professor. (FERREIRA, 2015).

Diante de tal situação, cabe nos indagar: como os indivíduos podem formar uma determinada opinião, senão mediante as relações sociais ou mediados pelos signos verbais e não verbais, pelos enunciados, pelas relações opinativas, discursivas, ideológicas? Assim, se Ferreira (2015) não pretende que haja uma doutrinação ideológica, qual então ele desejaria que fosse instaurada socialmente? Alguma ideologia há de existir! Ou ainda, qual é o partido que ele quer exista na Escola sem Partido, já que ele, por exemplo, faz parte de um atualmente!

Retornando aos sgnicos imagéticos já mencionados acima, é sabido como o símbolo do comunismo se tornou desgastado, criticado, odiado, rejeitado pelos neoliberais do sistema capitalista e comparado diretamente a concepção marxista e aos seus dissidentes nomeados de esquerdistas. Assim, nota-se que as imagens de um lápis e de uma caneta associadas à foice e ao martelo fazem menção diretamente a uma nova significação. Ou seja, há presente aqui uma distorção do símbolo ideológico comunista. Existe uma transfiguração de uma simbologia: uma valoração pressupondo que a doutrinação ideológica realizada nas escolas seja de caráter comunista e esquerdistas.

Portanto, deve se considerar que há conteúdos sígnicos ideológicos claramente estabelecidos a partir dessa nova imagem e o seu contexto que enuncia: “Doutrinação ideológica...diga não”. E, como explicita Volóchinov: “Onde não há signo também não há ideologia” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 91).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, todos os objetos existentes na natureza podem se tornar um signo e eles podem refletir e refratar outra realidade que lhe é exterior, sendo esta passível de uma avaliação ideológica carregada de valoração: verdadeiro ou falso, justo ou injusto e assim por diante.

O produto ideológico, constituído pelas consciências individuais no contexto material da realidade, depende sobretudo das trocas ou interações em uma coletividade socialmente organizada, ou seja, o produto ideológico não emerge da infra (pré) ou supra-humano. É importante considerar que a linguagem (a palavra, o enunciado etc.) desempenha um papel fundamental na construção (criação) dos signos ideológicos. Assim sendo, em todo produto ideológico há presente uma significação.

Ao se comparar as noções de signo ideológico ao enunciado (signo verbal) “*Doutrinação ideológica...diga não*” e ao signo imagético (signo não verbal) também analisado neste trabalho (a imagem da caneta e do lápis associados ao martelo e à foice, a qual nos lembra a foice e o martelo do símbolo comunista soviético, (DAUCHAS, 2015)) constata-se, conforme Volóchinov, como os signos refletem e refratam uma outra realidade.

Um ponto crucial e conclusivo desse trabalho é que o signo ideológico, estando presente nas interações sociais, não comportam a neutralidade. Apesar de Volóchinov considerar que a palavra em si é um signo neutro (no sentido de que ela pode assumir qualquer função ideológica), esse autor considera, em outras palavras, que o produto ideológico é o resultado das interações, assumindo assim um caráter de *influência*.

Portanto, se os conteúdos ideológicos construídos pelas trocas sociais não são neutros, torna se impossível “dizer não” há algum tipo de “doutrinação”.

Outro ponto é que, os ideais de Nagib e a tentativa de implementação prática de um projeto de Lei, defendida por deputados, demonstram que existe uma doutrinação comunista em curso nas escolas, demonstrado explicitamente no *site* do Instituto Liberal (DAUCHAS, 2015) por um signo imagético. Entretanto, se Dauchas não quer esse tipo de doutrinação nas escolas, qual então ele defende senão a do capitalismo! Para tanto, basta verificar o *site* da qual ele faz parte e os conteúdos ideológicos nele descritos!

5. REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. **Educação e Emancipação**. Tradução: Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995a.
- _____. **Palavras e Sinais: modelos críticos 2**. Tradução Maria Helena Ruschel. Petrópolis, Vozes, 1995b.
- _____. **Teoria da Semicultura**. Educação e Sociedade: Revista quadrimestral de ciência da educação. Campinas, ano XVII, nº 56, out./dez. 1996.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: HUCITEC, 1992a.
- BRASIL. PROJETO DE LEI Nº 867/2015, DE 23 de março de 2015. **Diretrizes e bases da educação nacional, o "Programa Escola sem Partido"**, Brasília, DF, mar 2015. Disponível em:
<<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=1050668>>. Acesso em: 15 jan. 2019.
- DAUCHAS, Ivan. **Instituto Liberal**. (2015) Disponível em: www.institutoliberal.org.br/blog/diga-nao-a-doutrinacao-ideologica/. Acesso em 15 jan. 2019.
- FERREIRA, Izalci Lucas. **PROJETO DE LEI Nº 867, DE 2015**. Disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/files/PL.pdf>. Acesso em 20 jan. 2019.
- LIBERDADE PARA ENSINAR**. Disponível em: <https://liberdadeparaensinar.wordpress.com/tag/miguel-nagib/>. Acesso em 20 jan. 2019.
- _____. **A Ideologia da Sociedade Industrial**. Tradução: Giazone Rebuá. Rio, Zahar, 1967.
- MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia**. São Paulo: Ensaio, 1996.
- MCLELLAN, David. "A concepção materialista da história." In: HOBBSAWM, Eric (org). História do Marxismo. Vol. I – "O marxismo no tempo de Marx". Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. p. 67-89.
- VOLOCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.